



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.  
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

**JOSÉ AIRTON FERREIRA DA SILVA**

**LEITURA, ESCRITA E DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE, PB - AGOSTO**

**2014**

**JOSÉ AIRTON FERREIRA DA SILVA**

**LEITURA, ESCRITA E DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena  
em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dra Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE, PB – AGOSTO

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S5861 Silva, José Airton Ferreira da  
Leitura, escrita e dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental [manuscrito] / José Airton Ferreira da Silva. - 2014.  
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Valdecy Margarida da Silva, Secretaria de Educação à Distância".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Dislexia. 4. Transtorno na Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

JOSÉ AIRTON FERREIRA DA SILVA

**LEITURA, ESCRITA E DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC -  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia do Centro de Educação  
Universidade Estadual da Paraíba UEPB,  
Campus I, em cumprimento aos requisitos  
necessários para obtenção do grau de  
Licenciado em Pedagogia.

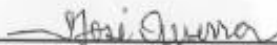
Data de avaliação: 02/08/2014

Nota: 8,00

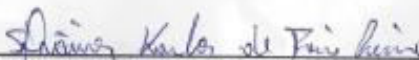
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Orientador (a): Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Examinador (a): Prof. Dra Maria José Guerra  
(UEPB)



\_\_\_\_\_  
Examinador (a): Prof. Ms. Silvana Karla de Farias Lima  
(UEPB)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a Deus, que todos os dias me dá forças para prosseguir.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter até aqui me dado forças para continuar essa difícil jornada. Aos mestres desta Instituição de ensino, pelo apoio incondicional.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

## RESUMO

Este trabalho monográfico vem abordar o tema “Leitura e escrita nas séries iniciais e a dislexia” fazendo o levantamento de autores como: Lanhez e Nico, Ajuriaguerra, Cagliari, Mendonça e Carvalho, Calmeirão e Meireles que discutem esse tema no contexto do processo de educação. O estudo mostra que a adaptação dos educadores às necessidades das crianças que apresentam a dislexia no que se refere a aprendizagem, exigem uma transformação na esfera social e escolar. Assim colaborando para a reformulação das atitudes e concepções tradicionais sobre o assunto em tela, e a melhor maneira de lidar com os alunos que apresentam esse tipo de distúrbio, sendo necessária a contribuição do corpo técnico juntamente com os educadores, além da fundamental importância do gestor da escola. Então, na escola, a leitura e a escrita de alunos disléxicos devem ser desenvolvida como uma das formas essenciais de inserir o mesmo no contexto social, oferecendo-lhes condições necessárias para adquirir atitudes passando a enfrentar os desafios que surgirão no seu cotidiano, principalmente em relação a distúrbio disléxico, além das experiências adquiridas durante os estágios de gestão educacional, a escola e o aluno da educação infantil e fundamental.

Palavras chaves: Educador. Dislexia. Transtorno na aprendizagem.



## **ABSTRACT**

This monograph has addressed the theme "Reading and writing in the early grades and dyslexia" doing a SURVEY of authors such as: Lanhez and Nico, Ajuriaguerra, Cagliari, Mendonça and Carvalho, Meireles Calmeirão and discussing this issue in the context of the education process . The study shows that adaptation to the needs of educators of children with dyslexia as regards learning, require a transformation in the social and educational sphere. Thus contributing to the reformulation of traditional attitudes and conceptions about the subject at hand, and the best way to deal with students who have this type of disorder, the contribution of staff being required along with educators, beyond the fundamental importance of the manager school. So in school, reading and writing of dyslexic students must be developed as one of the essential ways to enter the same in the social context, offering them necessary conditions to acquire attitudes going to face the challenges that will arise in your daily life, particularly in compared to dyslexic disorder, beyond the experiences gained during the stages of educational management, school and the student's kindergarten and elementary education.

Key words: Educator. Dyslexia. Disorder in learning.

## SUMÁRIO

<b>0</b>	<b>INTRODUÇÃO.</b>	<b>10</b>
<b>1</b>	<b>RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>A GESTÃO ESCOLAR</b>	<b>12</b>
<b>1.1.1</b>	<b>ENTREVISTA COM A COORDENADORA</b>	<b>15</b>
<b>1.2</b>	<b>A ESCOLA E O ALUNO DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<b>16</b>
<b>1.2.1</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA CRECHE PRÉ-ESCOLA E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE DO ESTÁGIO</b>	<b>19</b>
<b>1.3</b>	<b>A ESCOLA E O ALUNO DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL</b>	<b>22</b>
<b>1.3.1</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA</b>	<b>24</b>
<b>1.3.2</b>	<b>RELATO DO ESTÁGIO</b>	<b>25</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA, ESCRITA E DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	<b>29</b>
<b>2.1</b>	<b>AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA</b>	<b>29</b>
<b>2.2</b>	<b>REPRESENTAÇÕES DA ESCRITA PELA CRIANÇA</b>	<b>31</b>
<b>2.3</b>	<b>FUNÇÃO DO EDUCADOR EM RELAÇÃO A LEITURA</b>	<b>31</b>
<b>2.4</b>	<b>O PRAZER PELA LEITURA E ESCRITA NA VIDA DA CRIANÇA</b>	<b>32</b>
<b>2.5</b>	<b>METODOLOGIA DE LEITURA E ESCRITA</b>	<b>33</b>
<b>3</b>	<b>TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM</b>	<b>34</b>
<b>3.1</b>	<b>O QUE SÃO TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM?</b>	<b>35</b>
<b>3.2</b>	<b>DISLEXIA</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>43</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>

## 0 INTRODUÇÃO

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural.

Um dos instrumentos imprescindíveis para uma formação geral que possibilite cidadãos críticos, autônomos e atuantes, nesta sociedade em constante mutação, seria a prática as práticas de leitura variadas ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas, uma vez que o movimento dialético da leitura deve inserir o leitor na história e construí-lo como agente percussor de seu próprio futuro.

A leitura antecipa e prepara a escrita, para aquisição da escrita, a criança passa por várias etapas de desenvolvimento do comportamento verbal a ser adquirido.

Para que a mesma possa ser usada como instrumento de representação da linguagem oral, ela passa por estágios que coincidem com o desenvolvimento geral da criança.

Antigamente pouco se falava de sobre a dislexia, pois faltava conscientização por parte dos educadores e profissionais da educação sobre os transtornos de aprendizagem. Era muito comum o uso das expressões os “atrasados”, os “deficientes” ou os “que não davam para os estudos”. Assim a dislexia passou a estar entre os fatores que promovem o abandono escolar e geram a exclusão social. Ainda segundo os autores, as pesquisas revelam que a incidência de dislexia é de 10% a 15% da população mundial, ou seja, em uma sala com 25 alunos, cerca de três ou quatro crianças são disléxicos. De acordo com essa informação fica a pergunta por que crianças que sofrem de dislexia podem ser prejudicadas na sua trajetória escolar?

Este trabalho monográfico tem o objetivo de conceituar o que é a dislexia, como ela se apresenta na aprendizagem dos alunos; Se o educador está atualizado e como poderá combatê-la; Analisar as teorias de aprendizagem da leitura e da escrita; Entender consciência fonológica e gêneros textuais e apresentar propostas,

soluções que ajudem no tratamento de crianças que sofrem com esses distúrbios. Com isso preparar o aluno atuante nessa área para saber lidar com a tal situação.

À abordagem sobre os diversos aspectos da dislexia, visando uma melhor compreensão dos aspectos que envolvem a sua existência e a relação entre leitura/escrita que as vezes parecem estranhos para o educador. É importante destacar que esta pesquisa tem abordagem bibliográfica e qualitativa no campo da pedagogia que venha induzir os educadores a reconhecer e assim usar métodos funcionais que minimizem a incidência da dislexia nos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.

## 1. RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO

### 1.1 GESTÃO ESCOLAR

Este tópico tem como referência o estágio supervisionado em gestão educacional desenvolvido no período de quinze dias úteis na Escola Municipal Senador Ruy Carneiro no município de Serra Redonda-PB.

A temática abordada refere-se à gestão do trabalho escolar, na perspectiva de compreender o gestor, se é o burocrático, gerencial ou democrático, ou se há hibridismo.

A metodologia constou de observação e entrevistas que se constituíram em algo de análise.

O Estágio supervisionado em Gestão Educacional se propõe a oportunizar a relação entre a teoria estudada na universidade e a realidade em que se inscreve a organização e gestão do trabalho na escola pública, com sua dinâmica, desafios, possibilidades e limitações. Permitindo, desse modo, que o estudante reflita sobre o contexto da prática, construindo para a sua necessária transformação.

Para observar e pesquisar sobre estágio supervisionado em gestão escolar utilizamos como suporte teórico as obras de VIEIRA (2011), VEIGA (2011), OLIVEIRA (2011) entre outros teóricos.

A Escola Municipal Senador Ruy Carneiro de Ensino Infantil e Fundamental está situada na Rua São Miguel, s/n, no centro de Serra Redonda-PB. O terreno da escola foi doado na gestão de Reginaldo de Paula Freire, o nome da instituição foi uma homenagem ao governador Ruy Carneiro. Funciona pela manhã e tarde, no turno da noite com a EJA (Educação de jovens e adultos) sendo outra gestora. A escola atualmente conta com: 05 (cinco) salas de aula; 01 (uma) secretaria; 01(uma) cozinha; 01 (uma) brinquedoteca; 01 (um) almoxarifado; 04(quatro) banheiros sendo: 02 masculinos e 02 femininos;

A equipe técnica é composta por: uma supervisora, três coordenadoras, 02 orientadoras e um a nutricionista, atuando na secretaria de educação do município dando suporte as dezenove escolas da rede municipal de ensino.

O quadro de professores da instituição hoje é formado por 10 professores, sendo: dois do ensino infantil e oito do ensino do fundamental I com carga horária de

vinte horas semanais, três professores são contratadas e sete efetivas. Como suporte, a escola tem funcionários de apoio que são: Cinco agentes administrativos e uma secretária escolar. Hoje na escola há 180 alunos matriculados nos turnos da manhã e tarde, sendo a maioria da zona urbana, com situação de renda mínima.

Não há autonomia a escola se limita a reproduzir a realidade socioeconômica em que está inserida, cumprindo ordens e normas a ela impostas pela secretaria de educação com todos seus seguimentos incluindo também o conselho da merenda para toda instituição escolar.

A autonomia dos estabelecimentos de ensino foi ampliada não só em relação à gestão como também às formas de organização escolar. Para melhor compreender essas mudanças é importante que se faça uma destituição entre o conceito de organização escolar.

A organização do trabalho escolar em conceito econômico refere-se à divisão do trabalho na escola. Podemos considerá-la a forma como o trabalho do professor e dos demais trabalhadores é organizada na instituição escolar, visando a atingir os objetivos da escola ou sistema. Refere-se à forma como as atividades estão discriminadas, como os tempos estão divididos, a distribuição das tarefas e competências, as relações de hierarquias que refletem relações de poder, entre características inerentes à forma como o trabalho é organizado. Além disso, as mudanças na organização escolar tendem a alterar a divisão do trabalho na escola, na extinção de algumas rotinas e na adoção de outras, na constituição de certas hierarquias, na demanda por novos procedimentos profissionais. As reformas atuais, contempladas na legislação educacional em vigor, sobretudo na LDB n. 9394/96, apresenta um reforço ao trabalho coletivo e a necessidade de participação e envolvimento da comunidade na gestão da escola. Oliveira (2011, 168 – 169).

Em relação às instâncias de participação da comunidade escolar a gestora mantém um bom relacionamento com todos e está sempre criando espaço para interação em uma reflexão coletiva junto com a comunidade.

Conforme a gestora o conselho escolar é atuante sua composição se deu através de eleição direta. Os encontros sempre acontecem duas vezes ao mês, ocasião que são discutidas questões e problemas da escola, constituindo-se em um espaço de diálogo, negociação e encaminhamento das demandas da escola. A partir da instituição do conselho, mudou a visão da comunidade escolar, houve mais

interações dos pais, os alunos estão mais interessados e participativos, fortaleceu o trabalho coletivo.

O conselho escolar deverá, portanto, favorecer a aproximação dos centros de decisão dos atores. Isso facilita a comunicação, pois, rompendo com as relações burocráticas e formais, permite a comunicação vertical e também horizontal. Sob essa ótica, o conselho possibilita a delegação de responsabilidades e o envolvimento de diversos participantes. É um gerador de descentralização. E, como órgão máximo de decisão no interior da escola, procura defender uma nova visão de trabalho. (VEIGA, 2011, p. 184).

A gestora é graduada em pedagogia pela Uva (Universidade do Vale do Acaraú) Sobral-CE e em sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande e pós graduada em Gestão Escolar pela Fundação Pitágoras do Estado de Minas Gerais. Atuou como docente por quinze anos e como gestora um ano e meio na Escola Eduardo Medeiros em Serra Redonda. Nos últimos três anos atua na Escola Ruy Carneiro por indicação do atual gestor municipal. As atividades desenvolvidas pela gestora são: Organização da escola, delegar tarefas, pontualidade dos funcionários, elaboração de cardápio, cobrem a falta de funcionários.

Um bom administrador, capaz de organizar um trabalho de equipe eficaz é tido como competente e aberto consegue, muitas vezes, introduzir no seu estabelecimento de ensino grandes melhorias. É preciso, pois, fazer com que a direção das escolas seja confiada a profissionais qualificados, portadores de formação específica, sobretudo em matéria de gestão. (VIEIRA, 2011, p. 137).

Na escola existe vários projetos que são:

- Ler, prazer e saber;
- Escola de bons conselhos;
- Educando pelo esporte;
- Sistema Gestão Integrado\_ SGI;
- Projeto da escola; Carrinho de Leitura;

Esses projetos são realizados em parceria com a Secretaria de Educação, o Instituto Alparbatas e Camargo Corrêa. Os projetos não são descentralizados, pois é

repassada a secretaria da educação pela união. Logo o órgão municipal de educação implanta na escola da rede municipal, fazendo a flexibilização e uma desconcentração, ou seja, tirando a responsabilidade da secretaria, fazendo com que cada escola possa gerir os programas que foram repassados.

### **1.1.1 ENTREVISTA COM A COORDENADORA**

Conforme o que foi questionado de como se dar à assistência as escolas, segundo a coordenadora: “é precária, Serra Redonda é precária, por conta de quer são muitos programas do instituto Camargo Corrêa, distribuir se torna insuficiente, sendo as tarefas divididas com duas coordenadoras”.

A mesma afirma que “é difícil chegar às escolas por falta de transporte, e o papel da coordenadora é esta na escola, não na secretaria. Coordenador e supervisor têm que trabalhar na escola, aproximadamente 13 anos atrás Serra Redonda não sabia o que era planejamento, a supervisora atua mais na parte da estatística do que na função dela. Na secretaria já construímos o projeto político pedagógico, as escolas continua pendentes por não saber como começar, isso reforça como faz falta a equipe técnica para melhor atender as necessidades que surgem. Ela firma quer a secretária é democrática, da autonomia a equipe técnica”.

Diante disso o presente estágio supervisionado em gestão educacional tem como objetivo principal analisar a pratica da gestão escolar, a pesquisa utilizou-se de métodos qualitativos (observação, análise e entrevistas) que enfatizaram a importância da prática da gestão na escola. O estudo teórico e a aplicação do instrumento de coleta e análise dos dados ocorreram de forma processual. A pesquisa ocorreu a partir de observação e análise com objetivos específicos, ao investigar práticas de gestão adotada pela gestora.

Os dados da pesquisa foram coletados através de perguntas abertas sendo respondidos pela gestora, professoras, funcionários de apoio, agente administrativo e equipe técnica da secretaria de educação. A pesquisa se justifica à medida que buscará e apresentará “possibilidades” diferenciada de modelo de gestão escolar, na Escola Senador Ruy Carneiro na cidade de Serra Redonda- PB.

### **1.2 A ESCOLA E O ALUNO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**



O tópico desse trabalho monográfico consiste no relato sucinto do Estágio Supervisionado II em Educação Infantil, realizado na Creche Pré-Escola Municipal Zeferina Gaudêncio, situada no bairro do catolé na cidade de Campina Grande-PB.

O tema do estágio teve como base o projeto interdisciplinar da instituição que abordava o “Meio ambiente” e trazendo como subtemas “A importância dos festejos juninos”, conscientizando a comunidade escolar sobre as questões ambientais de preservação e conservação da natureza, resgatando as brincadeiras e brinquedos infantis encontrados na “BODEGA”. Um nome que nos leva a frequentar um local que se encontra um pouco de tudo nas comunidades mais afastadas da cidade tido como um espaço de lazer e entretenimento das populações que viviam fora dos grandes centros urbanos, tendo como foco alimentador a observação da prática pedagógica e seu fazer no ambiente escolar, dentro da proposta pedagógica da escola ora abordado, tendo em vista o desenvolvimento de suas atividades cotidianas.

A escola como instituição de ensino, é portanto um palco amplo e estratégico de série de fazeres didáticos a serem propostos, que conforme seu direcionamento pode confluir para o desenvolvimento substancial da educação ou torna-se ponto significativo para seu vertiginoso fracasso. Logo, o direcionamento é a chave para abrir ou fechar portas frente ao desenvolvimento educacional. Nesse contexto, a educação infantil, é o carro chefe para chamar à atenção quanto a responsabilidade e o compromisso que se tem na educação infantil. Fazendo com que isso seja o ponto essencial para o desenvolvimento da educação básica, sendo um divisor de águas na qualidade de ensino praticado na escola partindo da Educação Infantil e assim por diante.

No estágio supervisionado II em Educação Infantil realizado durante o período de três semanas entre os meses de junho e julho de 2013, propiciou ao estagiário conhecer o cotidiano escolar, e através de observações feitas a partir de salas de aulas, reuniões pedagógicas, de professores e de pais, bem como, a interação da equipe de gestão com os demais funcionários. Com isso a educação infantil deve obter avanço para enfim podermos oferecer um ensino de qualidade nas séries iniciais.

Dentre os objetivos desse estágio está além de desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente. Confiante em suas capacidades de percepção e limites buscando estabelecer vínculos afetivos,

expressando suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos no processo de construção do conhecimento. Conhecendo a creche Pré-escola Zeferina e seu fazer pedagógico, através de entrevistas a professores e funcionários em geral para conhecer as estratégias utilizadas pela gestão escolar na tomada de decisão no âmbito escolar, identificando limitações ou dificuldades dos professores e funcionários quanto a participação escolar, além do nível de interação de todos que fazem parte desse ambiente escolar.

Saber profissional seria este objetivo primordial da formação em uma licenciatura? Em princípio parece que sim. Todavia, não basta a formação profissional da educação apenas o saber teórico, necessita-se também do conhecimento prático. E da relação teoria-prática aliada à ação-reflexão-ação forja-se o saber profissional, o qual é constituído por competência, criticidade, compromisso com seus atos e com a qualidade do seu trabalho. Cury (2003, p.113) esclarece que:

Ser professor é algo que o estudante deve desenvolver na prática, tornando esta trajetória cada vez mais objeto de uma opção consciente e crítica, respaldada em um compromisso político democrático e em uma competência profissional qualificada.

A orientação metodológica é de suma relevância para a formação do profissional de educação, pois essa determinará a relação teoria-prática subsidiando meios para a formação da competência profissional, tornando este graduando capaz de lidar com a prática educacional estando apto a oferecer soluções a problemas de cunho escolar, como também social.

Desta maneira entende-se que a formação docente dá-se além dos muros das universidades, pois a prática de ensino durante o estudo teórico faz com que o aprendiz ponha em prática os conhecimentos adquiridos e promova uma melhor aplicabilidade deste saber formal. O estágio durante o curso de graduação é uma exigência legal, de acordo com a Lei 9.394/96 e o CNE/CO 28/2002, e representa o espaço para a prática de ensino constituindo-se num período transitório de formação e aprendizagem, sendo assim, pré-condição ao saber profissional de qualidade.

O estágio supervisionado em educação infantil caracteriza-se como eixo de formação profissional, sendo a escola – creche o “lócus” de ação e reflexão para a construção de uma prática educativa, junto às crianças de 0 a 5 anos.

Este mesmo estágio proporciona confrontar a prática observada como teoria adquirida durante o curso, elencou as diretrizes operacionais para cumprimento e efetivação do mesmo.

Entende-se a importância do estágio supervisionado em educação infantil por oferecer ao estagiário um conhecimento real sobre a profissão escolhida, dando oportunidade de aplicar alguns conhecimentos até então aprendidos, verificando se estão coerentes com a realidade contemporânea e com o currículo a ser seguido.

As atividades vivenciadas foram todas com base nas áreas do conhecimento do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – (RECNEI), voltado para música, artes, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática, articulado a proposta pedagógica da Creche pré-escola Zeferina Gaudêncio, cujo o tema fora o meio ambiente e as Festas Juninas e como um dos subtemas desenvolvidos, escolhi trabalhar a “BODEGA”, na turma do pré II, proporcionando as crianças um resgate e a valorização desse tipo de atividade comercial nos bairros populares que ficam mais distantes do núcleo urbano, utilizando vários brinquedos regionais: aqueles ora ou outrora encontrados na Bodega, tais como: carro de lata, baleeiras, boneca de pano, petecas, bolinhas de gude, pião, bambolês, ioiôs, e o que as crianças mais gostam de comprar na bodega: que são balas, pirulitos, tareco, mariola etc. Souza declara que:

É bem possível que a experiência pela educação infantil nessa época possa ter gerado um repensar a respeito do seu conceito e de sua dimensão. Novas formas de se conceber a educação e de contextualizar a criança, passaram a solicitar uma discussão que não ocorria nos primórdios dos estudos sobre o tema, abordando a questão da criança como ser histórico e social, sujeito que constrói o próprio conhecimento. (1996, p. 45).

Essa é a razão da teoria de Piaget, ser chamada de “construtivismo”, porque o conhecimento se constrói essencialmente na interação do sujeito com o objeto, pois cada criança tem a sua história e sua percepção de um objeto ou participação de uma brincadeira serão significativas para ela a partir dos próprios esquemas de pensamentos já construídos. Assim, ao propor uma brincadeira ou um jogo a criança da mesma idade, o professor perceberá que, para algumas, ele ainda é muito difícil e para outros ele já não é tão desafiador.

A bodega é um típico comércio existentes nos bairros mais distantes do centro da cidade tidos como periferia, a princípio restringia-se a pequenas unidades familiares comerciais de curto alcance, que tinham como função primordial, atender as necessidades domésticas mais prementes dos moradores das localidades periféricas com produtos indispensáveis, tais como: gêneros alimentícios, alguns medicamentos, de produtos de higiene pessoal e limpeza, entre outros produtos como: brinquedos, baleeiras, bonecas de pano, bolinhas de gude, carrinhos de lata, bombons, pirulitos, doces, balas, além de ser um local de boas conversas e de ser um lugar de sociabilidade e entretenimento, uma maneira de satisfazer os anseios dessa população onde existem as bodegas. (DINIZ, 2004)

Dessa forma trabalhamos o tema a “Bodega” nas festas juninas, na turma do pré II, fazendo o resgate através dos brinquedos existentes na bodega, voltados para: a música, o lúdico, a linguagem oral e escrita, matemática, natureza e sociedade, além de conscientização das crianças sobre a importância da Bodega nessa abordagem.

### **1.2.1 CARACTERIZAÇÃO DA CRECHE PRÉ-ESCOLA E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE DO ESTÁGIO**

A Creche Pré-Escola Municipal Zeferina Gaudêncio, localizada no bairro do Catolé na cidade de Campina Grande-PB, sob o CNPJ: 0320536000118 e INEP: 25057952. Fundada em 01 de setembro de 1988, pelo Governador Ronaldo Cunha Lima, que faz homenagem à professora Zeferina Gaudêncio, dando-lhe o nome da Creche, pelos relevantes serviços prestados a educação da cidade de Campina Grande, pouco mais de três décadas, tornou-se referência para toda a população. Atualmente a Creche Pré-escola é composta por: Uma gestora geral, uma coordenadora Pedagógica, uma secretária escolar, uma supervisora, sete professores, todos com formação superior, distribuídos em turmas de maternal I e II por turno e a do pré II com duas professoras em sala e o pré I somente uma professora no expediente da tarde, três vigias por turno, duas merendeiras por turno, quatro auxiliares efetivos e quatro prestadores de serviços, os de mais são todos do quadro efetivo da creche inclusive a gestora.

A Creche Pré-Escola Zeferina Gaudêncio está distribuída em sua estrutura física da seguinte forma: duas salas para os materiais, uma para a sala para o pré I outra para o pré II, uma sala de leitura (biblioteca), um berçário, dois banheiros, para meninos e meninas, um refeitório, uma cozinha, dois banheiros para funcionários, uma lavanderia, dois depósitos um de roupa outro de alimentos, um pátio amplo coberto e outro local para recreação, a instituição funciona em dois turnos manhã e tarde, possui cerca de cento e quarenta alunos sendo cem crianças nos maternais A e B e vinte no pré I e vinte no pré II.

A creche pré-escola possui localização privilegiada, pois fica por trás do shopping Luiza Mota, no bairro do Catolé, e no meio de uma comunidade de nível social inferior as demais populações que vivem ao redor do shopping, sendo a maioria de sua clientela as crianças dessa comunidade.

A creche trabalha com temas interdisciplinares, determinados pela secretaria Municipal de Educação do Município de Campina Grande-PB, seguindo o calendário determinado pela 3ª Região de ensino, órgão vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Estado da Paraíba.

O estágio supervisionado II, em Educação Infantil na Creche Pré-Escola Zeferina Gaudêncio, teve início em 27 de maio e terminou em 05 de Junho do ano em curso. O estágio foi constituído, de duas etapas distintas e sequencialmente realizado. A primeira etapa foi constituída de observação e conhecimento do âmbito escolar. A segunda etapa foi constituída pelo conhecimento e aplicação da prática pedagógica com base nas teorias abordadas e aplicação dos conteúdos ora expostos na temática “A bodega” visando fazer um resgate a importância da Bodega, e os produtos que a mesma comercializa, fazendo com isso, uma exposição para as crianças dos produtos e brinquedos infantis existentes na Bodega, dentro do tema da Creche que foi “O meio ambiente e as Festas Juninas” desenvolvido no “Arraiá da Zeferina”, visitamos com os alunos a Bodega do bairro, onde conhecemos o bodegueiro “Seu Francisco” entre outros passeios promovidos pela Creche: fomos a vila do artesão e no Sítio São João, durante os festejos juninos.

Durante a primeira etapa observamos a acolhida dos alunos no turno da tarde, às 13 horas, horário do estágio, a organização das salas de aula, a distribuição do lanche e a janta (merenda escolar), as atividades em sala e a recreação dos alunos, por fim, a saída às 17 horas. Nas observações constatamos

que nem sempre a chegada e saída dos alunos o funcionário da portaria nunca está para recepcioná-los deixando todos nós integrantes da escola vulneráveis a qualquer indivíduo que possa adentrar o ambiente, sem sabermos quem seria. A recreação que é bastante aproveitada pelas as crianças com muito espaço para correrem a vontade. E os professores sempre acompanham as crianças nesse momento, ação de suma importância que leva em consideração o cuidar o tempo todo. Principalmente as crianças do maternal, o cuidado tem que ser dobrado. A segunda etapa momento da prática docente, aplicando os conteúdos, ora desenvolvidos dentro do tema da instituição “O meio ambiente e as festas juninas” partindo dessa temática trabalhamos como subtema “A Bodega” na turma do pré II, buscando resgatar esse tipo de comércio e socializar com a crianças quanto a sua importância. Durante a semana foi trabalhado a psicomotricidade/ movimento com a brincadeira: estrelinhas bem juntinhas cantando e socializando entre eles, Música: Feira de Mangaio de Elba Ramalho, cantando e contando a história do forró nordestino, artes visuais; escrevendo e pintando a letrinha inicial do nome; linguagem oral e escrita, a festa junina na escola, conto e reconto; Matemática, jogo da memória, montando e desmontando quebra-cabeça; natureza e sociedade; Natureza e Sociedade trabalhando com os rótulos das mercadorias encontradas na Bodega, proporcionando as crianças uma valorização desse tipo de atividade comercial que existe na comunidade onde a instituição está inserida.

O estágio supervisionado foi significativo, porque proporcionou a aproximação das teorias estudadas no meio acadêmico e a prática vivenciada e aplicada na escola. Reconstruindo a pré-escola estudada, no tempo e espaço histórico, na sua forma de utilização do tempo através da rotina da creche. As atividades desenvolvidas através das propostas orientadas pelo professor orientador e pela ações livre das crianças as produções das crianças em atividades dirigidas pela professora regente e o estagiário, como exercício xerografados, desenhos livres entre outras atividades.

A observação e a prática docente, levando a compreensão da origem social das crianças, a representação da professora regente e o respeito dela e da proposta pedagógica que orienta as atitudes de ambas em relação as atividades dirigidas, as atitudes e interações das crianças, seus colegas e outras pessoas da creche-escola.

Invadindo o cotidiano esses sujeitos vivos históricos e contraditórios, como afirma Campos (1984, p. 63):

Incluir no campo do observável muitos aspectos que geralmente não são captados pela pesquisa de campo, a história local da escola, o significado dos vários componentes da instituição e da ação escolar para as pessoas que concretamente lhe dão vida no dia a dia.

Por isso, é compreensível o lado humano da professora, respeitando suas dificuldades e o grande desafio para esses profissionais que é trabalhar na Educação Infantil.

Pode-se também observar na prática que a educação Infantil, tem seus vários desafios e acertos a serem feitos no ambiente da escola como um todo. Algo percebido ao longo do estágio o quanto é importante o diálogo e as decisões na escola, que é muito valorizada pela gestora, que é dinâmica e participativa.

### **1.3 A ESCOLA E O ALUNO DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**

A temática do estágio tem como base o projeto interdisciplinar da instituição que aborda o “Meio Ambiente” e trazendo como sub-temas: A importância dos festejos juninos, conscientizando a comunidade escolar sobre as questões ambientais de preservação e conservação da natureza. Resgatando as brincadeiras e brinquedos infantis encontrados na “BODEGA”, um nome que nos leva a frequentar um local que se encontra um pouco de tudo nas comunidades mais afastado da cidade tido como espaço de lazer e entretenimento das populações que vivem e ainda vivem fora dos grandes centros urbanos, tendo como foco alimentador a observação da prática pedagógica e seu fazer no ambiente escolar, dentro da proposta pedagógica da escola ora abordada, tendo em vista o desenvolvimento de suas atividades cotidianas.

A escola como instituição de ensino, é, portanto, um palco amplo e estratégico de série de fazeres didáticos a serem propostos, que conforme seu direcionamento pode confluir para o desenvolvimento substancial da educação ou torna-se ponto significativo para seu vertiginoso fracasso. Logo, o direcionamento é a chave para abrir ou fechar portas frente ao desenvolvimento educacional. Nesse contexto, o ensino fundamental de 1º ao 5º ano é a base que temos prosseguir, orientando corretamente os educandos, para percebermos quão grande é a responsabilidade e o compromisso que devemos ter com o ensino fundamental, nos

anos iniciais. Fazendo com que, isso seja o ponto essencial para o desenvolvimento da educação básica, sendo um divisor de águas na qualidade do ensino praticado na escola.

No estágio supervisionado III, ( ensino fundamental) do 1º ao 5º ano, anos iniciais, realizado no período de 19 a 23 de maio 2014, (observação) e de 02 à 06 Junho de 2014 (Docência), propiciou ao estagiário, conhecer o cotidiano escolar, e através de observações feitas a partir de observações em salas de aula, reuniões pedagógicas, de professores e de pais, bem como, a interação da equipe pedagógica com a gestora, funcionários e a comunidade escolar.

Para observar e pesquisar sobre estágio supervisionado III, Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) utilizamos como suporte teórico os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs),1998, DINIZ,(2004). BRAÍDO (2012),CAMPOS (1996), CURY (2003), entre outros teóricos.

Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma mais independente, confiante em sua capacidade de percepção e limites, buscando estabelecer vínculos afetivos, ao expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos no processo de construção do conhecimento.

O saber profissional seria este o objetivo primordial da formação em uma licenciatura? Em princípio parece que sim. Todavia, não basta à formação profissional da educação apenas o saber teórico, necessita-se também do conhecimento prático. E da relação teoria-prática aliada à ação-reflexão-ação forja-se o saber profissional, o qual é constituído por competência, criticidade, compromisso com seus atos e com a qualidade do seu trabalho. Cury (2003, p. 113) esclarece que:

Ser professor é algo que o estudante deve desenvolver na prática, tornando esta trajetória cada vez mais objeto de uma opção consciente e crítica, respaldada em um compromisso político democrático e em uma competência profissional qualificada.

A orientação metodológica é de suma relevância para a formação do profissional de educação, pois esta determinará a relação teoria-prática subsidiando meios para a formação da competência profissional, tornando este graduando capaz de lidar com a prática educacional estando apto a oferecer soluções a problemas de cunho escolar, como também, de cunho social.



Desta maneira, entende-se que a formação docente dá-se além dos muros das universidades, pois a prática de ensino durante o estudo teórico faz com que o aprendiz ponha em prática os conhecimentos adquiridos e promova uma melhor aplicabilidade deste saber formal. O estágio durante o curso de graduação é uma exigência legal, de acordo com a Lei 9.394/96 e o CNE/CP 28/2002, e representa o espaço para a prática de ensino constituindo-se num período transitório de formação e aprendizagem, sendo assim, pré-condição ao saber profissional de qualidade.

A este exercício profissional Cury (2003, p. 118) o especifica dizendo que “[...] o estágio supervisionado em nosso caso é uma exigência curricular e que, como componente curricular, se insere no quadro de um programa de estudos que visam a uma profissionalização”.

Compreende-se a importância do estágio supervisionado por ele oferecer ao estagiário um conhecimento real sobre a profissão escolhida, dando oportunidade de aplicar conhecimentos até então aprendidos, verificando se são coerentes com a realidade contemporânea e com os anseios do mercado de trabalho.

O Estágio Supervisionado III – Ensino fundamental, favorece uma visão da prática educativa em classes de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, articulada aos saberes acadêmicos constituídos no campo da pedagogia, bem como as possibilidades e os desafios que a realidade estudada apresenta. Assim o estágio supervisionado III, se constitui como uma prática essencial na formação do educador que atua nos anos iniciais do ensino fundamental.

### **1.3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Pedacinho do Céu, localizada no distrito de Santa Terezinha, zona rural da cidade de Massaranduba estado da Paraíba, sob o CNPJ 08.739.138.0001-19, e INEP nº 25104438, fundada em 1º de Agosto de 1988, pelo então prefeito José Roberto de Souza, nome dado por ele por ser uma pré-escola, a primeira a ser fundada no distrito de Santa Terezinha.

Atualmente atende do Maternal ao 5º ano, nos períodos manhã e tarde e no turno da noite atende a Educação de Jovens e Adultos. A escola é composta por: uma gestora, uma secretaria escolar, a equipe pedagógica é da secretaria de

Educação do Município, doze professores, todos com formação superior, distribuídos em turmas de maternal I, Pré I e II com dois professores em sala cada turma por ter mais de vinte e cinco alunos por sala, do 1º ao 5º ano com um professor cada com medi de mais de 20 alunos por sala, um vigia efetivo durante o dia e um outro é prestador de serviços na parte da noite, uma merendeira efetiva na parte da tarde, duas auxiliares de serviços efetiva e quatro prestadoras de serviços nos dois horários.

A escola Pedacinho do Céu atualmente está distribuída em sua estrutura física da seguinte forma: uma sala grande para o maternal, uma para o Pré II, 1º 2º, 3º pela manhã e Pré I, 2º, 3º 4º, e 5º a tarde e a noite I e II etapa da EJA, uma sala de leitura, uma biblioteca, uma cozinha e dispensa no mesmo cômodo, refeitório e sala para os professores não existe, dois banheiros masculino e feminino externo e interno e uma mini sala que ficam a secretaria e a gestora da escola, um pátio para recreação pequeno, ao meu ver para um universo de 250 alunos nos dois turnos, de todas essas sala somente três são climatizadas as outras existem ventiladores que nem sempre funcionam.

A escola fica bem localizada, pois faz divisa com Campina Grande e próxima a BR 230 e a PRF-CG, a escola Pedacinho do Céu trabalha com temas interdisciplinares, determinados pela Secretaria Municipal de Educação da cidade de Massaranduba-Pb, coordenada pela gestora e a equipe pedagógica da secretaria, composta por: uma coordenadora geral, uma coordenadora de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental, duas Psicólogas Educacionais e duas professoras do Centro Especializado de Portadores de Necessidades Especiais.

### **1.3.2 RELATO DO ESTÁGIO**

O Estágio supervisionado III, Ensino Fundamental – (1º ao 5º ano), na EM E I F Pedacinho do Céu, teve início no dia 19 de maio e terminou no dia 06 de junho do ano em curso, o mesmo foi constituído de duas etapas distintas seqüencialmente realizadas. A primeira etapa foi constituída de observação e conhecimento do âmbito escolar. A segunda etapa foi constituída pelo conhecimento e aplicação da prática pedagógica com base nas teorias abordadas e aplicação dos conteúdos ora expostos na temática: O meio ambiente e as Festas Juninas, desenvolvido no

“Arraiá do Pedaco”, além da socialização do tema foram trabalhados e visitados pelos alunos da escola os vários setores onde acontecem os festejos juninos, por exemplo: O Parque do Povo, A Vila do Artesão, o Sítio São João, visitas ao bairro onde conheceram o que era uma Bodega, no dia 18 de junho houve a apresentação da quadrilha junina da Escola Pedacinho do Céu, com muita dança e comidas típicas.

Durante a primeira etapa, observei a dinâmica de ensino e aprendizagem na turma do terceiro ano do ensino fundamental, de inicio notei uma grande dificuldade da professora em aplicar as atividades, devido ao grande número de alunos, cerca de trinta alunos numa sala, e em sua maioria imperativos, indisciplinados, isso incluindo as meninas, visto isso no que se refere a aprendizagem nesse universo de quase trinta alunos, só seis sabem ler e tirar do quadro, realmente fica difícil alcançar os objetivos propostos.

Por conseguinte pude observar a questão do espaço da sala de aula que realmente deixa a desejar, por pequena, fica do lado do sol, isso na parte da tarde e o ar condicionado quebrado, e formação das cadeiras em duplas creio que esse modo de organização devia variar diariamente, para tentar amenizar as conversas paralelas e o barulho que fazem, mesmo assim a professora trabalho leitura com o livro didático e outras atividades, numa sala pouco ornamentada que nem o nome deles numa chamada via não existe na parede da sala de aula.

Continuando com a etapa de observação no que se refere a apresentação dos conteúdos, os alunos pouco se interessam, mas não por sua aplicabilidade é porque não existe interesse dos mesmo na aula ou seja a professora teria que ao meu ver, trazer conteúdos que façam com que eles se interessem, fazendo uma articulação dos diversos conteúdos dos componentes curriculares etc...

Sobre as formas de como as atividades são conduzidas pelo professor aos alunos, é acredito, ser ainda do método tradicional, que é mau entre em sala e começa a escrever, escrever no quadro negro até não sobrar mais espaço, achando a professora que com isso, eles se calem! Desabafa ela comigo!

Se tratando de ser uma professora que pouca cobra da turma, uma postura correta, uma atitude correta dos alunos, que passam a maioria do tempo brigando entre si ou estão na diretoria onde nem a gestora quer colaborar com a professora e devolve aquele aluno pra sala sem tão pouco adverti-lo verbalmente, assim fica

difícil uma relação professor-aluno e vice-versa e até mesmo os pais ficam contra a professora !

O aspecto ora por mim observado, é de um descaso fora do comum onde creio que a professora não possa resolver o que já foi passado para ela com problemas de aprendizagem, pois observei anteriormente numa turma de quase trinta alunos, somente seis sabem ler e tirar do quadro os são copistas, que fez a cópia mas não ler, neste sentido, a professora faz a intervenção da maneira mais viável chamando um a um para tentar fazer com eles aprendem pelo menos ler algumas palavras, através de conto e reconto de historinhas e outros recursos, como jogo da memória, quebra-cabeça e outros.

Sobre a maneira que a professora avalia é o seguinte, de inicio ela traz atividades prontas, para quem ler e quem não ler, aplica e quem conseguir fazer tudo bem, que não a fez fica em branco, a mesma me falou que após avaliação escrita, ela faz um outro tipo de avaliação, podendo ser, oral ou continua, mesmo porque ela tem que dar uma nota ao aluno.

Na questão que a própria LDB determina que, alunos portadores necessidades especiais, precisam de acompanhamento e até mesmo um percentual por aluno, no caso dessa professora entre os trinta alunos que ela tem , existem seis alunos que evidentemente são portadores e necessidades intelectuais ou seja, aqueles que não decodificam e que a faixa etária de idade do 3º ano já passou e muito, e o pior é que nem a professora, nem a gestora tão pouco a equipe pedagógica dão atenção a esses casos, isso realmente é o grande desafio do educador! Que é trabalhar sozinho! Ou educar sozinho! É como correr atrás do vento.

Na segunda etapa, momento da prática docente, aplicando os conteúdos, ora desenvolvidos dentro tema: “ O meio ambiente e as festas juninas”.

Durante a semana foi trabalhado: a primeira aula: Aprendendo **Arte** com música – Feira de Mangaio - com Elba Ramalho, cantando e contando a história do forró nordestino –a segunda aula: A organização do espaço social **Geografia** - conhecendo o espaço publico e privado na sociedade e sua organização no meio onde vivem. A terceira aula: **Língua Portuguesa** – Poema “**Brinquedo de Sucata**” de Cesar Obeid – utilizando a linguagem oral e escrita para a conscientização dos alunos despertando nos alunos o interesse pela temática ora abordada. A quarta

aula: **Natureza e Sociedade**- O que é uma Bodega! – Resgatando valores de uma das mais antigas utilizadas nos diversos bairros das periferias das grandes cidades. A quinta aula: **Matemática** – Sistema de Numeração Decimal – Buscando entender a seqüência da numeração até os milhares; ler, escrever,ordenar, comparar os números.

O Estagio supervisionado III, (ensino fundamental de 1º ao 5º ano), foi bastante significativo para mim enquanto estagiário, porque propiciou a aproximação das teorias estudadas no meio acadêmico e a pratica vivenciada e aplicada na escola.

A observação e a prática docente, me levou a compreender a origem social dos alunos, a representação da professora regente, da proposta pedagógica que orienta as atitudes de ambas em relação as atividades dirigidas , as atitudes e interações dos alunos com seus colegas e outras pessoas da escola.

Invadindo o cotidiano desses sujeitos vivos, históricos e contraditórios, procurei, como afirma Campos:

[...] incluir no campo do observável muitos aspectos que geralmente não são capitados pela pesquisa de campo, a historia local da escola, o significado dos vários componentes da instituição e da ação escolar para as pessoas que concretamente lhe dão vida no dia a dia (1984, p. 63).

Assim, compreendi o lado humano da professora, respeitando suas dificuldades e o grande desafio para esses profissionais que é trabalhar nos anos iniciais do ensino fundamental. Pode-se também observar na prática que o ensino fundamental nos anos iniciais, tem seus desafios, acertos a serem feitos no ambiente da escola como um todo. Algo percebido ao longo dos estágios que é possível perceber o quanto é importante o diálogo, a interação, a compreensão e as decisões na escola, quando é entendido por uma gestora, dinâmica e participativa.

## **2 LEITURA, ESCRITA E DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

## 2.1 A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

A leitura e a escrita se apresentam no cotidiano das pessoas antes da sua entrada na escola, por experiências que os pais e demais pessoas da família passam para seus filhos. Ambas acontecem na rotina de todo dia de cada pessoa, de maneiras diferenciadas, pois o entendimento é individual.

De acordo com Cagliari (2001, p. 150), Leitura “[...] é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura”. Quer dizer que, um certo tipo de leitura feito por duas ou mais pessoas, nunca será igual uma da outra; cada uma assimila conhecimentos diferenciados e faz proveito da leitura de acordo com seu grau de maturidade. Cada um deve respeitar a leitura do outro. Ler não é fácil, assim como escrever também não o é, mas ambas são atividades fundamentais na formação de qualquer ser humano e tendem a ser compreendidas através da prática cotidiana.

Quando se fala nesta prática pode-se começar pela leitura de mundo, ou seja, uma leitura de resgate, que de acordo com este autor trata-se da experiência de vida da pessoa, da sua percepção da realidade que vive e de como vai tomando consciência da realidade que está a sua volta. Paulo Freire (1988) exemplifica isso na seguinte narrativa:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fosse gente tal a intimidade entre nós. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. (FREIRE, 1988, p. 12 – 13)

Dessa forma deve ocorrer com a percepção da aquisição da leitura propriamente dita, pois aprender a ler o mundo significa conhecer os valores, pensar sobre eles, desenvolver uma posição crítica e própria. Também é aprender a ler a realidade do cotidiano. Desde criança, a vida a ensina e a prepara para adquirir conhecimentos. É importante a influência da família nas concepções que a criança tem tanto da leitura como da escrita. A leitura de mundo é muito importante para cada pessoa, a partir dela pode-se perceber a sua individualidade. Nenhuma experiência é igual à outra, assim como a leitura.

Martins (1994) não define o que é leitura e nem apresenta regras ou receitas sobre a mesma. Afirma que: é uma “[...] decodificação mecânica de signos linguísticos e processo de compreensão” (p.31). Essas duas características, ainda segundo a autora são necessárias para que aconteça a leitura. A decodificação não pode acontecer sem a compreensão e sem decodificação. Pode-se concluir com isto que a leitura é algo fundamental e que cada um tem uma resposta diferente para tal, devido à experiência individual.

Diante desse processo Cagliari (2001, p. 149), acresce que “A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido”. Em outras palavras, tudo que é escrito, é lido automaticamente, por isso se diz que a escrita foi criada para a leitura. Tanto a leitura quanto a escrita se apresentam no cotidiano das pessoas como aquisição de saberes que podem vir desde um simples código até uma real compreensão e reflexão de um texto. Este autor ressalta que: “A leitura é ainda uma fonte de prazer de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar” (p. 169). A partir do momento que a criança tem em mãos algo que lhe desperte atenção e que tenha uma boa compreensão, ou seja, de um certo tipo de leitura, ela poderá, com o decorrer da assimilação, ter grandes momentos de realização com o que leu, levando-a a ter mais interesse em estudar e um gosto maior pela escola e conseqüentemente dedicar-se cada dia mais às leituras.

Em relação à aquisição da escrita, vários avanços podem ser alcançados a partir de observações feitas com cada criança. Mas de acordo com Cagliari (2001, p.99), “É preciso ouvir das crianças o que é escrever, para que serve a escrita, valorizando as opiniões que cada uma possa apresentar”. Fazer este tipo de diagnóstico pode ser um passo importante para o real início da escrita, pois, uma criança pode representar qualquer palavra, seja até mesmo seu nome, por um ou mais rabiscos, assim como sinais gráficos, letras e outros.

## **2.2 REPRESENTAÇÕES DA ESCRITA PELA CRIANÇA**

Ouvir da criança sobre o que é escrever e para que serve a escrita, permite ao educador verificar a vivência que ela traz sobre sua representação da escrita.

Para Ferreiro (2001, p. 18) As primeiras escritas infantis aparecem, do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (zigue-zague), contínuas ou fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos repetidos (séries de linhas verticais, ou de bolinhas).

A aparência gráfica não é garantia de escrita, a menos que se conheçam as condições de produção. De acordo com esta autora, percebe-se que condições de produção se referem aos conhecimentos de escrita trazidos pelas crianças, não podendo o educador desconsiderar seus aspectos construtivos. De início, a criança não faz uma diferenciação clara entre o sistema de representação do desenho (pictográfico) e o da escrita (alfabético).

Sem dúvida, a escrita cursiva é importantíssima, fundamental na nossa cultura, mas não me parece ser a maneira mais adequada de ensinar alguém a escrever. Seria muito fácil e simples aprender a escrever e a ler, em primeiro lugar, através da escrita de forma maiúscula. Depois a criança aprenderia a escrita cursiva. Se lhe explicarem essas diferenças e os usos que fazemos dessas formas, ela não confundirá as duas escritas. “Uma série de dificuldades que a escola cria para a alfabetização poderão assim, ser evitadas”. (CAGLIARI, 2001, p. 98)

É uma dedução um tanto incoerente, pois a partir do momento que a criança tem o domínio da leitura com a letra bastão, saberá identificar e relacionar as duas. A criança pode recusar-se a escrever o que ainda não foi memorizado, ou seja, a letra cursiva, caso haja uma insistência por parte do educador, esta poderá se tornar um simples copista, uma vez que não tem a confiança necessária com a letra.

### **2.3 A FUNÇÃO DO EDUCADOR EM RELAÇÃO À LEITURA**

De acordo com Martins (1994, p. 34), “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem”. O educador deve procurar meios com os quais levem os alunos ao prazer pela leitura e escrita, estimulando-os sempre; pois ele sabe e deve passar para seus alunos que tanto a leitura como a escrita enriquecerão o seu vocabulário, abrindo novos conhecimentos na vida deles. O educador deve criar condições que levem os alunos a uma realização de conquista e prazer pela leitura e escrita. Martins (1994) nos esclarece melhor quanto a isso:



Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. “Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias”. (1994, p. 34)

Assim como a autora se refere às condições de leitura, pode referir-se também à escrita, pois, quando ela fala de algo escrito, por exemplo, um quadro, o aluno precisa estar em contato com estas aquisições literárias para que haja a ampliação de seus conhecimentos, para que possa compreender melhor a língua oral e escrita. Estas leituras relacionadas na fala desta autora permitem ao aluno conhecer o mundo que está a sua volta.

## **2.4 O PRAZER PELA LEITURA E ESCRITA NA VIDA DA CRIANÇA**

É muito importante o ensino da literatura na sala de aula, pois é ali que começa o grande despertar pelo prazer da leitura, e este contato com a literatura permite à criança ampliar seus conhecimentos, a fim de que possa melhor compreender a língua escrita e falada e conhecer o mundo que está à sua volta.

A sala de aula pode ser considerada, um ambiente complexo, instável e incerto. Porém, é neste contexto dinâmico, que o educador precisa movimentar-se de forma competente, ou seja, conseguir identificar situações, processar informações, elaborar diagnósticos e tomar decisões sobre possíveis e necessárias intervenções. De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI), a organização do espaço físico para a leitura deve ser acolhedora, um ambiente satisfatório rico de materiais diversificados, tendo como objetivo primordial ajudar as crianças em suas hipóteses de leitura e também da escrita. Quanto mais diversidades de materiais, mais a criança terá condições de identificar os diferentes tipos de linguagem.

Através de histórias, o educador pode buscar uma referência já conhecida pela criança, ou seja, poderá ter um ponto de direcionamento para o processo da leitura e escrita. Mendonça e Carvalho (2006) ressaltam que esse espaço de circulação e armazenamento dos textos é um eixo organizador do trabalho com crianças, porque permite construir sociabilidades importantes em torno da leitura e da escrita. Para elas as bibliotecas de classe, a biblioteca escolar, os murais da sala

e dos corredores e pátios são muito importantes para dar sentido à comunicação escrita na escola, pois é:

[...] também é um ótimo espaço para se ter materiais, os mais diversos, ao alcance dos alunos para atividades livres e dirigidas, e sua organização dá excelente oportunidade para se aprender sobre o sistema alfabético e ortográfico e sobre as formas de organização da cultura escrita. (2006, p. 42)

O educador que atua com crianças do 1º ano fundamental, percebe que elas tem um atrativo satisfatório no ambiente extraclasse, isso em relação à leitura, leva a ter progressos na escrita e até mesmo na leitura, já em sala de aula. São esses momentos vividos fora da sala (considerados por elas até mesmo de relaxamento) que tendem a levá-las ao prazer pela leitura e escrita.

## **2.5 METODOLOGIAS DE LEITURA E ESCRITA**

Flores (2001) “Acredita que a escola deve propor e garantir situações de leitura e escrita que proporcionem prazer para a criança”. Estabelece que em sala de aula deve ser criado um clima que vá de encontro ao propósito do educador. Esse ambiente será um espaço onde haverá interação entre professor e aluno. Alguns hábitos de leitura podem trazer progressos nesta etapa da criança que são respectivamente: Contar histórias através de leitura de textos escritos e não-escritos;

“A leitura não se separa da vivência do ser humano, razão pela qual, seus estudiosos não desconsideram a chamada leitura de mundo: aquela que não está centrada no texto escrito”. Diniz (2007, p. 100).

Primeiramente, os alunos ouvem histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos nas ilustrações. Este é um momento importante para a ampliação do vocabulário do aluno.

Sugere-se enriquecer essa metodologia com o revezamento da “contação de histórias” pelo professor e pelas crianças. Essa experiência colabora para o desenvolvimento da linguagem oral do aluno. As crianças contam suas histórias revelam sua imaginação e criatividade. É neste momento que o professor aproveita para conhecer um pouco mais seu aluno, suas vivências, experiências de vida, etc. O ouvir histórias segundo a autora, estimula a criança a desenhar, pensar, dramatizar, imaginar, brincar, folhear o livro e escrever.

### 3 TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem vem sendo estudada cientificamente desde o século passado, embora tenha tomado maior espaço e relevância no meio acadêmico entre as décadas de 1950 e 1970. Junto com os avanços obtidos com as pesquisas, diversos conceitos foram apresentados como uma tentativa de melhor explicar a aprendizagem e como se dá o seu processo. Apesar de existir diferentes conceitos, todos eles concordam que a aprendizagem implica numa relação bilateral, tanto da pessoa que ensina como da que aprende.

Dessa forma, a aprendizagem é melhor definida como um processo evolutivo e constante, que envolve um conjunto de modificações no comportamento do indivíduo, tanto a nível físico como biológico, e do ambiente no qual está inserido, onde todo esse processo emergirá sob a forma de novos comportamentos.

Sendo a aprendizagem um processo constituído por diversos fatores, é importante ressaltar que além do aspecto fisiológico referente ao aprender, como os processos neurais ocorridos no sistema nervoso, as funções psicodinâmicas do indivíduo necessitam apresentar um certo equilíbrio, sob a forma de controle e integridade emocional para que ocorra a aprendizagem. Entretanto, "O desenvolvimento harmonioso da aprendizagem representa um ideal, uma norma utópica, mais do que uma realidade. Dessa forma, o normal e o patológico na aprendizagem escolar, assim como no equilíbrio psicoafetivo, não podem ser considerados como dois estados distintos um do outro, separados com rigor por uma fronteira ou um grande fosso" (Ajuriaguerra e Marcelli in Mööjen, 2001).

Apesar disso, é importante estabelecer uma diferenciação entre o que é uma dificuldade de aprendizagem e o que é um quadro de Transtorno de Aprendizagem. Muitas crianças em fase escolar apresentam certas dificuldades em realizar uma tarefa, que podem surgir por diversos motivos, como problemas na proposta pedagógica, capacitação do professor, problemas familiares ou déficits cognitivos, entre outros. A presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente em um transtorno, que se traduz por um conjunto de sinais sintomatológicos que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição e manutenção de informações de uma forma acentuada.

### 3.1 O QUE SÃO TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM?

Os Transtornos de Aprendizagem compreendem uma inabilidade específica, como leitura, escrita ou matemática, em indivíduos que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para o seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual.

Podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de auto regulação, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizado. Ainda que as dificuldades de aprendizado possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes como, por exemplo, transtornos emocionais graves ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências".

Atualmente, a descrição dos Transtornos de Aprendizagem é encontrada em manuais internacionais de diagnóstico, tanto no CID-10, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (1992), como no DSM-IV, organizado pela Associação Psiquiátrica Americana (1995). Ambos os manuais reconhecem a falta de exatidão do termo "transtorno", justificando seu emprego para evitar problemas ainda maiores, inerentes ao uso das expressões "doença" ou "enfermidade".

A real etiologia dos Transtornos de Aprendizagem ainda não foi esclarecida pelos cientistas, embora existam algumas hipóteses sobre suas causas. Sabe-se que sua etiologia é multifatorial, porém ainda são necessárias pesquisas para melhor identificar e elucidar essa questão. O CID-10 esclarece que a etiologia dos Transtornos de Aprendizagem não é conhecida, mas que há "uma suposição de primazia de fatores biológicos, os quais interagem com fatores não-biológicos". Ambos os manuais informam que os transtornos não podem ser consequência de: falta de oportunidade de aprender; descontinuidades educacionais resultantes de mudanças de escola; traumatismos ou doença cerebral adquirida; comprometimento na inteligência global; comprometimentos visuais ou auditivos não corrigidos;

Atualmente, acredita-se na origem dos Transtornos de Aprendizagem a partir de distúrbios na interligação de informações em várias regiões do cérebro, os quais podem ter surgido durante o período de gestação. O desenvolvimento cerebral do feto é um fator importante que contribui para o

processo de aquisição, conexão e atribuição de significado às informações, ou seja, da aprendizagem.

Dessa forma, qualquer fator que possa alterar o desenvolvimento cerebral do feto facilita o surgimento de um quadro de Transtorno de Aprendizagem, que possivelmente só será identificado quando a criança necessitar expressar suas habilidades intelectuais na fase escolar. Existem fatores sociais que também são determinantes na manutenção dos problemas de aprendizagem, e entre eles o ambiente escolar e contexto familiar são os principais componentes desses fatores.

Quanto ao ambiente escolar, é necessário verificar a motivação e a capacitação da equipe de educadores, a qualidade da relação professor-aluno-família, a proposta pedagógica, e o grau de exigência da escola, que, muitas vezes, está preocupada com a competitividade e põe de lado a criatividade de seus alunos. Em relação ao ambiente familiar, famílias com alto nível sociocultural podem negar a existência de dificuldades escolares da criança. Há também casos em que a família apresenta um nível de exigência muito alto, com a visão voltada para os resultados obtidos, podendo desenvolver na criança um grau de ansiedade que não permite um processo de aprendizagem adequado.

Tanto o CID-10, como o DSM-IV apresentam basicamente três tipos de transtornos específicos: o Transtorno da Leitura, o Transtorno da Matemática, e o Transtorno da Expressão Escrita. A caracterização geral destes transtornos não difere muito entre os dois manuais. Transtorno da Leitura.

O Transtorno da Leitura, também conhecido como dislexia, é um transtorno caracterizado por uma dificuldade específica em compreender palavras escritas. Dessa forma, pode-se afirmar que se trata de um transtorno específico das habilidades de leitura, que sob nenhuma hipótese está relacionado à idade mental, problemas de acuidade visual ou baixo nível de escolaridade. O DSM-IV classifica como critérios diagnósticos para o Transtorno da Leitura: Rendimento da capacidade de leitura, como correção, velocidade ou compreensão da leitura, significativamente inferior à média para a idade cronológica, capacidade intelectual e nível de escolaridade do indivíduo.

A dificuldade de leitura apresentada pelo indivíduo interfere de modo significativo nas atividades cotidianas que requeiram habilidades de leitura.

Sob a presença de algum déficit sensorial, as dificuldades de leitura excedem aquelas habitualmente a este associadas.

A leitura oral se caracteriza por distorções, substituições ou omissões, e junto com a leitura silenciosa vem acompanhada por lentidão e erros na compreensão do texto.

Um transtorno apenas de ortografia ou caligrafia, na ausência de outras dificuldades da expressão escrita, em geral, não se presta a um diagnóstico de Transtorno da Expressão Escrita. Neste transtorno geralmente existe uma combinação de dificuldades na capacidade de compor textos escritos, evidenciada por erros de gramática e pontuação dentro das frases, má organização dos parágrafos, múltiplos erros ortográficos ou fraca caligrafia, na ausência de outros prejuízos na expressão escrita.

Em comparação com outros Transtornos de Aprendizagem, sabe-se relativamente menos acerca do Transtorno da Expressão Escrita e sobre o seu tratamento, particularmente quando ocorre na ausência de Transtorno de Leitura. Existem algumas evidências de que déficits de linguagem e precepto-motores podem acompanhar este transtorno.

O Transtorno da Expressão Escrita, de acordo com os critérios diagnósticos do DSM-IV, são: A capacidade das habilidades de expressão escrita encontram-se significativamente inferior à média para a idade cronológica, capacidade intelectual e nível de escolaridade do indivíduo.

A dificuldade na expressão escrita apresentada pelo indivíduo interfere de modo significativo nas atividades cotidianas que requeiram habilidades de escrita, como escrever frases gramaticalmente corretas e parágrafos organizados. Na presença de algum déficit sensorial, as dificuldades de escrita excedem aquelas habitualmente a estas associadas.

A maioria das crianças necessita de intervenção psicopedagógica e/ou fonoaudiológica e continua participando das aulas convencionais oferecidas pela escola. Porém, existem casos em que o grau do transtorno exige que a criança passe por programas educativos individuais e intensivos. Independentemente do caso, é importante que a criança continue a assistir e a participar das atividades escolares normais.

Cabe ao profissional que acompanha a criança ou adolescente realizar contatos com a escola a fim de estabelecer uma maior qualidade do processo de

aprendizagem, através da inter-relação dos aspectos exigidos pela escola e do que a criança é capaz de oferecer para suprir tais necessidades. Além de um melhor enquadramento da proposta educacional, outras variáveis que implicam nos Transtornos de Aprendizagem deverão passar por um processo terapêutico. Assim, é necessário que ao se fazer uma avaliação de um quadro de Transtorno de Aprendizagem, o profissional esteja atento para identificar se existem fatores psicológicos que contribuem para a manutenção do problema. Caso esta variável esteja presente, o psicólogo é o profissional indicado para tratar dos problemas emocionais vinculados ao tipo de Transtorno.

### **3.2 DISLEXIA**

O primeiro passo a ser dado em direção a solução de um problema é correr em busca de sua definição. Conhecer o problema, então, é condição imprescindível para resolvê-lo. Por isso, colocaremos aqui duas definições de dislexia que consideramos as mais aceitáveis e que se reafirmam. Entretanto, antes das definições queremos expor a justificativa para o termo dislexia: DIS = distúrbio ou dificuldade; LEXIA = do latim “leitura” e/ou do grego “linguagem”. Assim, DISLEXIA = distúrbio de linguagem (LANHEZ e NICO, 2002).

É importante ressaltar que a denominação do problema feita aqui é somente para facilitar a identificação dele a fim de que a ajuda aos disléxicos possa ocorrer de forma adequada. Também queremos enfatizar ainda que existem dois tipos de dislexia: a de evolução e a adquirida, e nós discorreremos acerca da primeira, que é congênita e hereditária. A segunda advém como consequência de traumatismo craniano, acidente vascular, derrame etc.

A primeira definição que apresentamos é a do Dr. Samuel T. Orton encontrada na obra de LANHEZ e NICO (2002). Segundo ele, “a dislexia, como o próprio termo indica, não se enquadra na situação de doença, mas de distúrbio”:

“É uma dificuldade no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. [...] Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores” (ORTON apud LANHEZ e NICO, 2002, p. 21).

Segundo essa definição, a criança não adquire a linguagem de forma correta, embora tenha inteligência suficiente e não apresente nenhum distúrbio cognitivo. Dessa forma, segundo o Dr. Orton pode-se dizer que esse distúrbio não é causado

por falha intelectual, emocional ou cultural, mas por hereditariedade. O curioso é que os geneticistas do comportamento mostram que há até 50% de probabilidade de um menino nascer disléxico se seu pai for disléxico, e cerca de 40% se a mãe for disléxica. Já a probabilidade de uma menina desenvolver essa afecção é um pouco menor, e o que é herdado, neste caso, não é a deficiência de leitura, mas sim o processo da linguagem.

A segunda definição que adotamos para a nossa pesquisa também se encontra na obra de Lanhez e Nico (2002), e é da International Dyslexia Association, elaborada no Comitê de Abril de 1994. Segundo essa teoria, que é atualmente a mais usada nas pesquisas de neuroanatomia e neuropsicologia, dentre as várias dificuldades de aprendizagem, a dislexia é a que tem origem constitucional e é caracterizada pela dificuldade em decodificar palavras simples em uma idade em que isso não é mais aceitável. A criança apresenta uma insuficiência no processo fonológico e também um atraso na aquisição e uso da linguagem.

Segundo Snowling (2000) citado por Lima; Cameirão e Meireles (2005), “a linguagem escrita, apesar de ser uma aquisição relativamente recente do ponto de vista evolutivo, tornou-se fulcral no processo de transmissão sócio-cultural, sendo que ler e escrever são de competência das áreas cognitivas mais valorizadas e importantes que o sujeito pode adquirir”.

Apesar da complexidade deste processo, a maioria das crianças que recebe uma instrução adequada desenvolve-as com relativa facilidade. Não obstante, há uma minoria que apresenta dificuldades específicas no domínio da leitura, mesmo possuindo uma inteligência normal e apresentando mestria em outras tarefas.

Se o aluno apresentar inteligência abaixo do esperado, ele pode se enquadrar em outros tipos de dificuldades. Entre os sintomas mais comuns estão: Desempenho inconstante; demora na aquisição da leitura e da escrita; lentidão nas tarefas de leitura e escrita, mas não nas orais; dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, como a soletração; dificuldade em associar o som ao símbolo [...] “desconforto ao tomar notas ou relutância para escrever; persistência no mesmo erro, embora conte com ajuda profissional”. (LANHEZ e NICO, 2002, p. 26-27).

Segundo Lanhez e Nico (2002), “a maioria desses sintomas listados está ligada à memória de curto prazo ou “memória imediata”, e à memória sequencial”.

A primeira é aquela vital para o processamento de leitura, pois permite guardar informações pelo período de tempo necessário para serem processadas



corretamente. Como os disléxicos possuem falhas em relação à memória de curto prazo, há lentidão no processamento de leitura e compreensão de sentido de uma frase ou parágrafo.

A segunda, a memória sequencial, é a responsável pela própria organização mental. Por isso, muitas crianças disléxicas chegam atrasadas em encontros ou têm dificuldades para achar um endereço na lista telefônica, por exemplo. A dificuldade observada na aprendizagem da leitura e da escrita e o fraco desempenho nos testes de leitura e de escrita pertencem ao nível do comportamento, enquanto as causas subjacentes a esse desempenho estão situadas no nível cognitivo - que também inclui fatores emocionais. O nível biológico refere-se a observações e fatos relacionados ao cérebro.

Assim, a dislexia é uma desordem do desenvolvimento que deve ser explicada a partir de três origens: (1) biológica, que causa um déficit cognitivo, o qual, por sua vez, resulta em um padrão particular de comportamento; (2) uma anormalidade cerebral e (3) um déficit cognitivo. As influências ambientais são vistas como atuantes em todos esses três níveis (PINHEIRO, 2002).

Apesar de a dislexia não ser causada por fatores ambientais, o futuro da criança disléxica depende de forma imprescindível do meio. Como já dissemos na introdução deste trabalho, muitas pessoas, consideradas desiguais, se afastam ou são afastadas do ambiente escolar por não terem atenção adequada.

O que muitos não sabem é que embora os disléxicos apresentem dificuldades no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia, em geral eles possuem níveis de inteligência superiores e habilidades extraordinárias em determinadas áreas. Lanhez e Nico (2002) afirmam que isso significa dizer que, ao afastar essas crianças das salas de aulas, o país está desperdiçando talento e muita capacidade de produção, já que há cerca de 15% de disléxicos na população mundial, ou seja, um número bastante significativo. Portanto, uma educação que reconheça as dificuldades específicas destes alunos muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento, associado a um tratamento interdisciplinar sendo, às vezes, necessário fazer uma eleição terapêutica, ou seja, priorizar um tratamento em um dado momento.

A escola e a família exercem um papel fundamental para que a dislexia não se torne mais um fator de impedimento no crescimento acadêmico. Para Mousinho (2003), o professor também é indispensável neste caminho, identificando, em um

primeiro momento, e podendo compreender e auxiliar essas crianças e jovens em seu processo educativo. Daí a importância do professor saber fazer a identificação em sala de aula. É certo que não seremos especialistas no assunto, mas poderemos observar os comportamentos mais comuns e agir com mais cautela com aquele aluno.

Segundo Lanhez e Nico (2002), o diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo e, quando é necessário, é feito um encaminhamento ao neurologista e/ou a outros profissionais como oftalmologista, geneticista, otorrinolaringologista e pediatra para determinar se existem ou não outros fatores que possam estar comprometendo o processo de aprendizagem, e todos os profissionais devem trocar informações para confirmar o distúrbio. Todo disléxico pode e deve ser ajudado, e entendendo as limitações do aluno, o trabalho deste e do professor será realizado com maior êxito. As crianças com dislexia aprendem de maneira diferente, mas isso não significa que não aprendam. Elas podem acompanhar o ensino convencional se tiverem o apoio necessário para contornar suas dificuldades específicas.

Normalmente, crianças disléxicas têm a necessidade de transportar o que estão aprendendo para o campo da realidade concreta, e geralmente os conteúdos são mais bem aprendidos quando apresentados de forma a estimular os sentidos de tato, paladar, visão e sensação (LANHEZ e NICO, 2002). O sucesso e aprovação que as crianças experimentam quando tentam se comunicar com os adultos os motiva muito no desenvolvimento da fala, e a maior parte aborda a leitura com a mesma ansiedade com que aprendem a falar. Aquelas que vacilam nos primeiros estágios precisam de orientação e apoio que vai lhes garantir êxito, e isso tem maior probabilidade de ocorrer se houver o envolvimento tanto do lar quanto da escola. Para auxiliar o professor no trato aos disléxicos, algumas metodologias podem ser adotadas, ajudando no seu trabalho em sala de aula e facilitando o aprendizado do aluno. É o que veremos no próximo ponto.

São princípios básicos do trabalho em linguagem escrita com a criança: estimular a descoberta e utilização da lógica de seu pensamento na construção de palavras e textos e na representação de fonemas; oferecer oportunidades para a escrita e leitura espontâneas; explorar constantemente as diversas funções da escrita (não apenas produção textual, mas também cartas e bilhetes); e explicitar as diferenças entre língua falada e língua escrita. É importante que a criança tenha

adequada consciência de que a fala e a escrita são formas diferentes de expressão da linguagem.

A principal indicação atual para o tratamento de crianças com dificuldades de linguagem escrita é a intervenção direta nas habilidades de leitura, associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem. Práticas anteriores buscavam estimular habilidades consideradas pré-requisitos para o aprendizado da leitura, como percepção viso espacial e habilidades psicomotoras (SCHIRMER et al., 2004). E como trabalhar com crianças que não conseguem assimilar o conteúdo dentro do tempo considerado necessário para que as informações sejam processadas corretamente? As dificuldades verificadas na dislexia são muitas vezes inesperadas, especialmente quando se considera o nível de outras capacidades cognitivas e a existência de uma instrução adequada.

A história de instrução do indivíduo é um aspecto crítico para a compreensão da natureza das dificuldades de leitura observadas. Muitas crianças correm o risco de falharem na leitura devido a desvantagens ao nível da educação na primeira infância e das experiências na pré-escola. Deste modo, entram frequentemente na escola sem terem adquirido muitas capacidades linguísticas e de “pré leitura” essenciais (e.g., sensibilidade fonológica, vocabulário), fundamentais para um desenvolvimento normal da leitura. Se a instrução não for ajustada ao ensino das competências que a criança não domina, a falha na leitura ocorrerá frequentemente. (CAMEIRÃO e MEIRELES, 2005).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho vem mostrar a importância de se buscar e pesquisar através do grande esforço em buscar uma ajuda didática que levasse a entender como a dislexia afeta e qual as consequências impostas por ela à nossas crianças. Houve um grande desempenho em formalizar as ideias centrais aqui expostas para com todo cuidado ser vista através deste trabalho de conclusão de curso; as consequências, denúncias de como perceber o problema, ideias de dinâmicas a serem aplicadas no percurso da criança na escola; diagnósticos e tratamentos. Tudo com o maior dos interesses em contribuir com a sociedade em geral.

Isso vem deixar claro que temos muito a fazer ainda, pois em toda nossa trajetória percebemos a grande dificuldade que a escola encontra em trabalhar essa questão, ainda não há um sistema que contribua diretamente em toda rede escolar preparado para combater essa temática.

É de suma importância que a questão em pauta seja observada pelo sistema de ensino, pois certamente no futuro será preciso investir na formação de seus alunos. De que forma isso acontecerá? Trabalhando desde cedo o poder intelectual da criança, ensiná-lo a leitura e produção de textos, atentar para as disciplinas que encontram maior dificuldades para sim superá-las.

Por fim destaca-se a importância de refletir sobre tais problemas que atingem o aprendizado nas entidades de ensino e principalmente atentar o educador a detectar quando seu aluno apresenta determinados distúrbios na linguagem oral escrita. O aluno disléxico precisa de um acompanhamento pedagógico para progredir, pois não pode-se esquecer que ele também faz parte de uma sociedade onde todos necessitam crescer culturalmente nos meios de ensino para mais tarde formar cidadãos capacitados.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 4ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997
- \_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ministério Da Educação e Desporto. Secretaria. Educação Fundamental. Brasília .MEC. SEF. 1998.
- \_\_\_\_\_. Lei Nº 9.394, de 20/12/96: LDB. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRAÍDO, Margareth Bento. Coleção azul, Educação Infantil. Londrina. PR. MEF. ed. vinte e cinco. 2002.
- CAMPOS, Maria M.A. formação de professores para crianças de 0 a 10 anos. modelos em debate. In: Educação e SP. Cedes. 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. Da oralidade à escrita: A produção do texto narrativo no contexto escolar. Cuiabá: UFMT / INEP / MEC, 2000.
- CIASCA, S. M. (org.) Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 220p.
- CURY, Carlos R. J. Estágio supervisionado na formação docente. In: LISITA, Verbena Moreira; SOUSA, Luciana Freire E. P. (orgs.) **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (p. 113-137).
- DINIZ, Maria de Lourdes. O vocabulário no contexto – Do ensino – aprendizagem da leitura e da escrita: Exploração de dificuldades para propor facilidades. Goiânia: Kelps, 2007.
- DINIZ, Lincoln da Silva. As bodegas da cidade de campina grande. objetos de permanência e transformação do pequeno comercio nos bairros. 2004. dissertação. Mestrado em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFPE. Recife. PE. 2004.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FLÔRES, Onici. et al. Ensino de Língua e Literatura: Alternativas Metodológicas. Canoas: Editora ULBRA, 2001. FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 21 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LANHEZ, Maria Eugênci;a; NICO, Maria Ângela. Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. 11 ed.. Rio de Janeiro: Elseiver, 2002.

LIMA, C. F.; CAMEIRÃO, M. L.; MEIRELES, L. P. Dislexia no 1º ciclo: Da atualidade científica às concepções dos professores. Trabalho de licenciatura. Portugal, 2005.

MACHADO, Rose Elaine. Método dinâmico educação infantil. 1. Ed. São Paulo. Rideel, 2000.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDONÇA, Rosa Helena; CARVALHO, Maria Angélica Freire de (Org). Prática de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MOUSINHO, R. Conhecendo a dislexia. Revista Sinpro (Ed. Especial.): 26-33, 2003.

MÖÖJEN, S. M. P. Caracterizando os Transtornos de Aprendizagem. In: BASSOLS, A. M. S. e col. Saúde mental na escola: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Mudanças na Organização e na gestão do trabalho da escola. In: **Política e gestão da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINHEIRO, A. M. V. Dislexia do desenvolvimento: perspectivas cognitivo-neuropsicológicas. Athos & Ethos. Volume 2, 2002.

REFERENCIAL CURRICULAR PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. (RECNEI). Ministério da educação e Desporto. Secretaria da educação Fundamental. Brasília. MEC. SEF. 3 v. Volume I: Introdução. Volume II. Formação Pessoal e Social. Volume III. Conhecimento de Mundo, 1998.

SCHIRMER, C. R. et al., Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. Jornal de pediatria. V.80(2): S95-S103, 2004.

SOUZA. Denise de Tênto. Entendendo um pouco mais sobre o sucesso (e fracasso) escolar. In: AQUINO. Júlio Groppa. (org). Autoridades e autonomia na escola. Alternativas teóricas e práticas. 2. Ed. São Paulo, Summus, 1999,

VEIGA, Zilah de Passos Alencastro. As instancias colegiadas da escola. In: **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papirus, 1998.

VIEIRA, Sofia Lerche. Escola-função social, gestão e política educacional. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto e AGUIAR, Márcia Ângela da S. (orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.